
IDENTIDADE E ENSINO DE HISTÓRIA EM ASSU: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA NO SERTÃO POTIGUAR

Roberg Januário dos Santos
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: roberg.assu@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “*Açu sob o olhar de Clio: o município na percepção dos professores de História*” (concluído) que teve como propósito principal identificar o lugar atribuído à história local no nível fundamental de ensino das escolas localizadas no município potiguar de Assu. De forma específica esse estudo objetiva compreender a relação entre as perspectivas identitárias dos professores assuenses, no tocante ao seu lugar de vivência (Assu), e os conteúdos trabalhados na abordagem da história local em sala de aula. A pesquisa é de natureza qualitativa, pois este tipo de investigação permite uma interpretação da realidade não apenas pela materialidade, mas também por meio da imaginação e do simbólico. Nesse sentido, a investigação teve como principal estratégia para construção de dados a aplicação de questionários junto a instituições ligadas ao ensino e a realização de entrevistas semi-estruturadas com professores de História do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, de escolas privadas e públicas. Nas questões relacionadas ao ensino de História, o trabalho toma por base as contribuições de Bittencourt (2004); Barbosa (2006) Abreu e Soihet (2003) entre outros. Para fundamentar as discussões acerca das identidades culturais consideramos os estudos de Hall (2006) e Silva (2006).

2 A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA ASSUENSE A PARTIR DA ESCRITA LOCAL

A construção identitária assuense foi gestada a partir de várias produções escritas que visaram nortear a memória/história local. Estas, por conseguinte refletiram a junção de esforços por parte de autores locais, para a elaboração de uma identificação referente à configuração espacial assuense, surgindo à intenção formadora de uma ideia de pertencimento e reconhecimento de uma realidade. Entre tais produções podemos

citar: ASSU- *Atenas Norte-Riograndense* (1966), composta por João Carlos de Vasconcelos. *O Açú no Recife* (1966) escrita por Lauro de Oliveira. *Assú da minha meninice* (1982), *História do Teatro no Assu* (1972), *Titulados do Assu* (1981?) e *Educandário Nossa Senhora das Vitórias: 50 anos* (1977), produzidas por Francisco Amorim. *Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense* (1965) e *Canção da Terra dos Carnaubais* (1965) de autoria de Romulo C. Wanderley e por fim a Coletânea Literária Assuense (1977), produção organizada pela administração pública municipal do Assu.

Os autores aos quais nos reportamos estiveram inseridos em suas épocas como membros de uma classe social dita como privilegiada, haja vista estarem associados às chamadas grandes famílias do município ou conectados às mesmas por fortes laços de amizade e por isso desfrutavam de determinadas prerrogativas que lhe oportunizaram situação confortável para se sentirem como representantes assuenses. Estamos aqui nos referindo aos grupos familiares que se destacavam socioeconomicamente, que estiveram à frente, em alguns momentos, da estrutura administrativa do município, bem como se imbuíram da função de “guias da cultura assuense”.

Os anos finais do século XIX e o transcorrer do século XX em Assu foram marcados pela atuação desse grupo de intelectuais que procurou criar uma atmosfera intelectual sobre o município. Naquele momento utilizaram diversos instrumentos em prol da consolidação de ideais que viessem a definir este grupo como pertencente e produtor de uma realidade ímpar, seguramente diferente de toda contextualização vivencial do Estado, pois esta formação social assuense trabalhou para singularizar-se mediante os outros espaços e evidentemente que este intuito passava por uma construção. Para tanto, fizeram uso da escrita, do teatro, dos atributos religiosos, de ofícios, entre outros, com o intuito de validar suas necessidades identitárias.

Os autores que contribuíram para a construção identitária assuense estiveram em ascensão através de suas publicações entre os anos de 1960 e 1985; momento no qual não desperdiçaram a oportunidade de estarem vinculados a instituições de propagação e compartilhamento da cultura e dos saberes. Tais como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Academia Norte-Riograndense de Letras, Ateneu Norte-Riograndense, Associação Norte-Riograndense de Imprensa, Faculdade de Pernambuco, entre outras. Com relação ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, por exemplo, o mesmo estava imbuído da construção histórica do

Estado, no entanto sua postura esteve mais próxima de uma maneira clássica ou tradicional de se produzir história, esta voltada para coleta e arquivamento de documentos e uma matriz teórica com

Uma visão de sociedade esvaziada de conflitos sociais; uma visão de política como atividade exclusiva das elites; a recorrência como tema dos estudos, de determinados fatos históricos enobrecedores, nos quais celebram-se certos personagens históricos que deles participaram, a predominância da descrição sobre a interpretação, originando uma história crônica ou factual e ausência do que nós chamamos hoje de rigor metodológico (MONTEIRO, 2006, p. 52).

Percebe-se diante da citação acima qual a linha de trabalho do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, além do mais, a escrita acerca do espaço assuense seguiu estes traços, o que moldou uma identidade local distante da participação efetiva da massa popular e alçou um grupo intelectual assuense, privilegiado socioeconomicamente, ao platô mais elevado da história local. De acordo com a Coletânea Literária Assuense (1977) esse grupo era composto por membros das chamadas famílias importantes. Historicamente estas famílias exerceram a centralidade em vários âmbitos da espacialidade local, inclusive no que concerne ao próprio habitar, haja vista que ocupavam a área central do município, o denominado Quadro da Rua. Esta informação é confirmada por Francisco Amorim (1982, p.49), pois de acordo com o mesmo “era aí que moravam as pessoas importantes e famílias endinheiradas.”

Foi a partir dessas instituições que os autores conseguiram seus ambientes de produção intelectual e conseqüentemente manifestaram sua visão sobre o Assu, elaboraram textos sobre ele; deram-lhe significados e rostos. É fato que ao enaltecer o território de origem, estes autores estariam conectando suas vidas à existência dessa realidade espacial e mediante as práticas narrativas eles conseguiram entrecruzar e perpetuar suas participações “ativas” na arte histórica que elabora a espacialidade assuense. Portanto, diante de tal realidade, podemos compreender os fundamentos que embasam, em grande parte, as concepções identitárias dos docentes assuenses.

3 IDENTIDADE E ENSINO DE HISTÓRIA EM ASSU

Com a atual conjuntura de um mundo considerado global, há uma nítida tendência de se considerar as discussões relativas às identidades locais como algo anacrônico, todavia, ao contrário desta perspectiva, Hall (2006, p.84), assinala que entre as “[...] conseqüências possíveis da globalização, anteriormente referidas – a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades”. Ou seja, o que se percebe é um verdadeiro movimento de vias contrárias, uma vez que os mais variados espaços mundiais recebem a influência de outras culturas, esta dinâmica conduz sujeitos históricos a se mostrarem simpáticos a tais influências “estrangeiras”, no entanto, outros sujeitos se sentem ameaçados por um movimento globalizador que estilhaça suas identidades. Nesse sentido, há uma inclinação, por parte destes, em conservar suas raízes identitárias ou gestarem novas identidades, estas últimas devendo gravitar próximo ao campo de suas tradições. Sobre este aspecto, Corroboramos novamente com o pensamento de Hall (2006, p.85) ao tratar que “o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros de grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas”.

Além do mais, podemos considerar identidade como uma construção sistemática do ser visando um sentido de pertencimento e reconhecimento de sua personalidade. Ainda, é uma forma de se diferenciar, esta se dá pela representação e como nos informa Silva (2006, p. 202), “tal sistema possui representações do passado, de condutas atuais e de projetos para o futuro. Vale salientar que o processo de identificação pode significar a edificação do “eu” enquanto integrante de uma memória coletiva, é a chamada sensação de pertencimento. Esta sensação pode ser vivenciada a partir de determinados objetivos, por sua vez dimensionados como uma espécie de projeto a ser executado. Nesta ótica Azevedo (In: ABREU E SOIHET, 2003, p. 44), aponta que “a construção e atribuição das identidades equivale certamente a uma estratégia de legitimação, de afirmação de hegemonia, na medida em que estabelece modelos sociais de conduta”. Portanto, falar em identidades é se reportar a um jogo de interesses, estes muitas vezes direcionadas por grupos sociais com estratégias de poder esquematizadas.

O nosso interesse pela história local se inicia enquanto participante do projeto de pesquisa *Açu sob o olhar de Clio: o município na percepção dos professores de História*, este transcorrido entre os anos de 2007 e 2008, e vinculado a Universidade do

Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Durante o mencionado projeto tivemos a oportunidade de atuarmos na condição de bolsista de iniciação científica, missão que nos rendeu importante rendimento e crescimento acadêmico. Além do mais, o então projeto teve o objetivo central de entender os motivos da incorporação ou exclusão, por parte dos professores, de temáticas da história local em turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental das escolas assuenses.

Os dados obtidos mediante a pesquisa nos apresentaram um cenário acerca do ensino de história em Assu, ocasião em que constatamos dificuldades delineadas pelos professores para abordarem os conteúdos da história local em sua prática docente, haja vista os mesmos terem evidenciado a falta de fontes e, por sua vez de produção historiográfica e material didático sobre o município.

Como legado do projeto executado, as falas dos oito professores entrevistados, fez emergir uma forte evidencia identitária com a espacialidade assuense, haja vista que em determinados momentos, os mesmos demonstraram vinculações a elementos que discursivamente e de forma imagética compõem uma construção identitária do município, inclusive já discutida neste texto, propagada a partir de um grupo de intelectuais que procuraram enaltecer o seu espaço como “terra dos poetas”, “Assu – Atenas Norte Rio-grandense”, “terra dos verdes carnaubais”, “terra do venerado São João Batista”, que narraram os grandes feitos individuais e significaram datas. Prova disso, é o depoimento do professor P6¹, quando afirma que

As fontes também são mínimas aqui, têm muito antigas, que eu acho que até agente pegou na Secretária de Educação como uma cartilhazinha mesmo do... falando sobre a história, falando sobre o Assu, aí eu sempre pego, mais para a parte do aspecto histórico. E a poesia, dos poetas ... também agente utiliza que a escola tem livros, mais de Renato Caldas e às vezes Batista Conseguem emprestado.

Assim, como já assinalado, uma das maiores dificuldades encontradas na abordagem da história local, por parte dos professores assuenses, advêm da falta de fontes históricas. Não obstante essa observação, as fontes mais utilizadas em sala de aula são: encartes de jornais, livros sobre a história do município, revistas, relatos orais e livros de poesia. Nesse sentido, os poetas e as poesias estão sempre presentes nas abordagens históricas dos professores, o que elevou tais elementos a se constituírem

como importantes na formação identitária do povo assuense. Assim, o professor P2 ao se reportar a elaboração de projeto voltado para a história local, reforça tal perspectiva ao afirmar “que para montagem, inclusive do projeto eu consegui aí alguns materiais, alguns livros, inclusive aproveitei muitos livros de poesia que contam a história de Assu, livros de Renato, a Família Wanderlei [...]”. Diante do referido depoimento podemos constatar que além de um forte apego aos poetas, os professores de História de Assu indiretamente terminam dando continuidade ao projeto de construção identitária assuense do século XX, na medida em que elegem como principais fontes para o estudo da história local as produções escritas do período. Nesse sentido, a história local a partir destas produções revela uma contextualização histórica pautada em elementos paisagísticos, como a carnaubeira; na exaltação do lugar; na atuação das personalidades “importantes”, entre elas: políticos, padres, juristas médicos, intelectuais, além do enfoque das próprias biografias desses indivíduos. O professor P6 demonstra real vinculação com esta perspectiva ao afirmar que “eu costumo sempre trabalhar, de início, biografia e autobiografia, aí agente vai conceituar e depois pedir para que eles escrevam sua própria autobiografia”.

Além do mais, para reafirmar esta abordagem histórica, assim como já enfatizado, o professor P4 ao se indagado acerca dos conteúdos da história local que são trabalhados em sala de aula, informa que “é destacado principalmente a questão cultural do município, a questão política também, é debatido muito a questão política e também a questão econômica que não podemos desvincular da questão política”. Ou seja, Em face deste depoimento, percebemos a dimensionalidade do campo da política como grande área para os estudos históricos, o campo político neste caso está muito mais ligado a uma narrativa dos feitos dos grandes homens, dos estadistas e datas cívicas.

Já o professor P3, revela outro foco de atenções que permeia a história do município trabalhada mediante a prática docente: a questão das origens, pois ele destaca “logo o histórico da cidade, a origem, como tudo começou, até por que é importante conhecer a origem do seu lugar”. Não obstante, o interesse pela origem, a questão que emergi diz respeito à maneira de como é apresentada esta origem do município, pois levando em consideração que as fontes utilizadas para o estudo da historicidade local, por parte dos professores entrevistados, são produções da escrita local e, parte destas apresenta a origem do município como resultado das ações heróicas de grandes

personalidades, da ação decisiva das famílias tradicionais e do papel da religião neste contexto, percebemos aspectos semelhantes entre esta ótica histórica com a matriz teórica do IHGRN já mencionado neste estudo.

Além disso, esse conteúdo relativo à história local muitas vezes é apresentado ao aluno resumidamente. Reafirmando esta tendência, o professor P7 ao relatar sobre os conteúdos destacados na abordagem da história local, expressa “o conteúdo que eu trabalho é de quando começou a questão de quando ela foi vila, por quê? Por que o nome? Alguma coisa de um histórico resumido mesmo dos dados [...]”. A maneira sintética de se trabalhar a história local, muitas vezes não oportuniza ao aluno conectar sua vivência ao conteúdo trabalhado, na medida em que a forma aligeirada de apresentação deste conteúdo não permite um diálogo ou um espaço para as reflexões, análises e interpretações que possam conduzir o aluno para o entendimento de sua historicidade.

Diante deste contexto, precisamos refletir acerca da abordagem da história local, pois é preciso cautela neste tipo de operação histórica para que não possamos trabalhar em sala de aula com uma concepção identitária distante da realidade do aluno e que não deixemos praticar o que Barbosa (2006, p. 64) chama de *matéria dirigida à memória*, pois a mesma não leva em

consideração qualquer outra propriedade intelectual do aluno e do professor, apresentando-se de maneira fragmentada, decorativa, repetitiva, memorativa, enaltecida de personalidades e vultos históricos, na qual os fatos são apresentados como axiomas, dogmaticamente.

Desse modo, para romper com essa prerrogativa de uma história local que viabiliza um entendimento sobre a realidade vivencial dos alunos de forma enfadonha, se faz necessário um novo olhar sobre esta perspectiva histórica e, por conseguinte acerca das identidades, na medida em que o conhecimento histórico se consubstancia como essencial na constituição das identidades. Nesta ótica, conforme Pereira (2010,p.?)

A ideia de identidade pressupõe a interdependência entre as condições objetivas de cada sujeito, assim como o compartilhamento de convenções e valores, de modos de pensar, de sentir e de agir mais ou menos formalizados

que distinguem e produzem a integração da comunidade a partir de suas múltiplas identidades na localidade.

O que nos chama atenção nesta afirmativa é justamente a possibilidade de visualização de uma nova percepção em relação às identidades, ou seja, se pressupõem um estudo local que propicie ao aluno compreender a sua realidade a partir de sua própria experiência de vida, mediante suas práticas socioculturais, por conseguinte articuladas com a ideia de identidade coletiva ou múltipla. Esta tendência é inclusive reafirmada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 26), ao passo que explicitam a necessidade que o [...] “ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais”.

Assim, no tocante a questão das propostas curriculares, se pode observar que em determinadas situações o que acontece efetivamente na prática não é o que está estabelecido nas referidas propostas (teoria), na medida em que na realidade educacional coexistem duas formas distintas de currículo, sendo estas conforme Bittencourt (2004) os chamados currículos *formal e real*. O primeiro diz respeito a regras normativas, documentos, texto oficial advindo do Estado que rege os princípios educacionais; o segundo refere-se ao que realmente acontece na sala de aula entre professores e alunos, fruto da interação destes sujeitos e o ambiente escolar. Especificamente acerca das identidades se delineiam abordagens em que as mesmas não são enfatizadas de forma plural, ou seja, em muitos casos elas são trabalhadas de maneira homogênea, representadas por um passado distante da experiência presente dos alunos e que reforçam construções realizadas por determinados interesses bem definidos. Assim, acontece neste ponto de discussão uma vinculação com o currículo real.

Dessa forma, este ensaio tem o interesse de despertar reflexões acerca da formação das identidades que se constroem mediante o ensino de História. De maneira geral, entendemos que a compreensão das situações postas neste texto permeia o debate acerca da competência dos vários níveis de ensino quanto à produção e divulgação dos saberes e, conseqüentemente, da relação entre os diversos espaços institucionais, tais como a escola e a universidade. Assim, especificamente, podemos constatar que a partir de um forte apego a elementos imagéticos e discursivos que se vinculam a constituição

de uma identidade local, pautada na exaltação do lugar, nas origens e em personagens “ilustres” entre outros, disseminada a partir das produções de escritores assuenses, a história local ensinada por nossos colaboradores (oito professores de História) situados no contexto escolar assuense se propõe a mostrar traços considerados comuns a todos os habitantes do município, reforçando a ideia de identidade homogênea, sem maiores preocupações em destacar as diferenças sociais e culturais.

Notas

¹ Os professores serão identificados neste texto a partir da letra P seguida de um número arábico, variáveis de 1 a 8. Foram entrevistados 8 professores da rede básica de ensino assuense pertencentes a escolas públicas e privadas. Apesar de terem sido citadas falas de alguns desses professores, de um modo geral, as análises consideram todos os depoimentos prestados.

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Francisco. *Assú da minha meninice*. Natal: Clima, 1982. (Coleção Mossoroense), p. 49.
- _____, Francisco. *Educandário Nossa Senhora das Vitórias: 50 anos*. Assu: Coleção Assuense, 1977.
- _____, Francisco. *História do Teatro no Assu*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1972.
- _____, Francisco. *Titulados do Assu*. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1981?
- AZEVEDO, Cecília. Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (orgs.) *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. Pp 168 – 184
- BARBOSA, Vilma de Lurdes. *Ensino de história local: redescobrimos sentidos*. SAECULUM – Revista de História [15]; João Pessoa, jul/dez, 2006.
- BITENCOURT, Circe M. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia*/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.
- COLETÂNEA LITERÁRIA ASSUENSE. Coleção Assuense. Nº 001. 1977.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MONTEIRO, Denise Matos. *Balanço da historiografia norte-rio-grandense*. In: ANAIS DO I ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RN: o ofício do historiador. 2004, Natal. Anais... Natal, RN: EDUFRRN, 2006.

OLIVEIRA, Lauro de. *O Açúcar no Recife*. Recife: Imprensa Oficial, 1966, p. 13.

PEREIRA, Julio Henrique da Silva. *O ensino de história e as possibilidades da história local*. XIV Regional da ANPUH do Rio: Memória e Patrimônio. UNIRIO. Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Kaline Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VASCONCELOS, João Carlos de. *ASSÚ – “Atenas Norte – Riograndense*. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1966.

WANDERLEY, Romulo Chaves. *Canção da Terra dos Carnaubais*. Natal: Departamento de Imprensa, 1965, p. 30.

_____, Romulo Chaves. *Panorama da poesia Norte – Rio – Grandense*. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965.